



RECONHECER-SE: BRINCADEIRAS DO FOLCLORE ALAGOANO COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA CULTURA

Luana Tavares da Silva¹
José Orlando Ferreira do Nascimento²
Eliane Rodrigues de Magalhães Melo³

RESUMO

Este trabalho foi realizado na Escola Municipal Filomena Medeiros e integra o subprojeto interdisciplinar de Letras e Geografia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, vinculado a Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL/CAMUZP. O projeto faz uma releitura de lendas brasileiras, em especial as que fazem parte do folclore alagoano, *Gogó da Ema e a mulher da Capa Preta*, são exemplos das que foram mediadas em sala de aula e posteriormente recontadas no pátio da escola, assim os alunos assumem o papel de mediadores e desenvolvem outras maneiras de contá-las aos colegas. A metodologia utilizada no projeto divide-se em três etapas: aquecimento, mediação e desdobramento, acreditamos que esse roteiro nos aproxima do universo da criança, a sensibilização através do lúdico. Escolher o folclore e brincadeiras de roda, é uma forma de enfrentamento ao esquecimento massificado. É essa preocupação com os não-lugares, que nos força a buscar referências que nos mantenham ligados a algum lugar, a memória oral nos fixa, nos prende a um determinado território, no auxilia na manutenção e compreensão da cultura e identidade.

Palavras-chave: brincadeira, cultura, mediação, identidade.

¹ Especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidade (EDHDI) pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Acadêmica do 5º período de Geografia da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL; Bolsista do Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência; Graduada em Letras Portugêses pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, 2012.

² Acadêmico do 5º período do curso de Letras Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

³ Especialista em Geografia e Meio Ambiente; Graduada em geografia pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, 2012.



O presente trabalho foi realizado na Escola Municipal Filomena Medeiros e integra o subprojeto interdisciplinar de Letras e Geografia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, vinculado a Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL/CAMUZP. O projeto faz uma releitura de lendas brasileiras, em especial as que fazem parte do folclore alagoano, *Gogó da Ema e a mulher da Capa Preta*, são exemplos das que foram mediadas em sala de aula e posteriormente recontadas no pátio da escola, assim os alunos assumem o papel de mediadores e desenvolvem outras maneiras de contá-las aos colegas.

Aspiramos com a prática da atividade, reativar o que Paul Claval (2007) denomina como memória verbal. Como esta segundo o autor, tende a diminuir com o advento da escrita, procurou-se exercitá-la através das lendas e mitos populares da cultura local, herança da tradição oral. Procedimentos verbais podem apoiar os recortes das paisagens e identidades observadas. Ao aguçar a memória e a oralidade, se busca o incentivo do olhar crítico, criativo e estruturante da criança sobre seu mundo, como forma de reconhecimento deste e de si mesmo. Para Claval (2007) A memória colocada em prática na transmissão de uma cultura é em seguida verbal. Nesse sentido, o universo literário transporta a criança para um mundo paralelo ao seu, colaborando para o fortalecimento da sua capacidade inventiva.

Os momentos de brincadeiras quando atrelados aos versos das cantigas de roda, por vezes deixadas de lado, cria um elo entre gerações, conta-se por meio de cantos coreografados há gerações, cantigas que os pais ensinavam aos filhos. Esse processo possibilita que cada criança se reconheça ao reconhecer as brincadeiras de seus pais.

É preciso considerar que no Brasil a discussão acerca do que vem a ser folclore são intensificadas a partir de 1951 com a realização do I Congresso Brasileiro de Folclore realizado no Rio de Janeiro. Era preciso compreender o conjunto que normatiza o folclore brasileiro, características como a antiguidade, a tradição oral, de modo que:

fazendo um estudo mais aprofundado desses conceitos, percebemos, em relação ao anonimato, que este se caracteriza por o fato folclórico não possuir um autor conhecido, condição que causa muita polêmica. Pois, como iríamos explicar as poesias e os contos repentistas, além de algumas obras artesanais que possuem autores? Portanto, como afirmou



Renato Almeida, no livro “A inteligência do folclore”, se recuarmos no tempo e conseguirmos chegar às origens, vamos encontrar sempre o indivíduo – o autor” (ALMEIDA apud DELBEM, 2007, p.19)

Alguns anos mais adiante o conceito de folclore foi modificado, havendo então uma releitura e aprofundamento do tema de modo que o que ficou estabelecido foi:

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individualmente ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a Unesco. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos. (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1995 [s.n.º])

É fundamental que as crianças conheçam a escola que estudam bem como observar o cotidiano da cidade, podendo dessa maneira além de produzir conhecimento e repassá-los para os demais.

2. UNIVERSOS: A LITERATURA INFANTIL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS

A escola é o principal espaço de contato com a literatura para a maioria das crianças e adolescentes que frequentam as escolas públicas, muitas delas são oriundas de famílias formadas por não leitores, portanto, o contato e o gosto pelos livros ficam a cargo da escola, no entanto a criança sente também, necessidade do brincar lembremos que:

Ao tocar na infância, nos vem logo à mente algumas brincadeiras e a forma como as crianças se comportam através delas, o lúdico é mais que o universo fantasioso exercendo uma forte influência na vida delas, nos momentos de brincadeiras entre pais e filhos há uma positiva carga afetiva, os laços de amor se estreitam, pois, o adulto consegue chegar perto desse universo infantil. As crianças tendem a reproduzir nas brincadeiras aquilo que catalisam do convívio familiar e escolar, em todas as fases do desenvolvimento dela o lúdico ajuda na construção de imagens e significação. O ambiente escolar precisa atender essa necessidade do brincar de cada criança, precisa ser atrativa e ter um significado maior na vida delas e a figura do



educador não deve jamais, ser opressora, os educandos têm uma necessidade de ter maior autonomia para desenvolver suas atividades e ter segurança nas relações afetivas que se constituem com os educadores e os colegas da sala. (SILVA, 2011, p. 15)

Desse modo, a contação de história pode ser esse espaço do brincar, a leitura pode proporcionar diversão, deixar que os pequenos se envolvam com os processos de leituras, criando e recriando as histórias, dessa maneira a leitura não será impositiva, forçada e sim uma tarefa mediada em que professores e alunos criam universos únicos. Segundo Petit:

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo (PETIT, 2008, p. 28-29).

A literatura tem um poder fantástico de nos libertar, possibilita novas experiências, é possível imaginar sensações sem que antes tenhamos experienciado na prática. O ato de ler ou de contar histórias antes de ser uma obrigação necessita ser um ato de lazer, ao mediador cabe a função de capturar a atenção, depois envolver e por fim sair de cena, deixando espaço para que cada um possa ser parte do conto, da fábula, do romance. Como afirma Queirós (2009, s.p.):

[...] é no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. [...] Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. [...] Neste sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços onde circula a infância.

Os livros impressos são menos interessantes para essa geração tecnológica, lidar com esse desinteresse muitas vezes assustam os professores, como trabalhar leitura sem



o uso do livro? Como levar a literatura para sala de aula sem o livro, material que por vezes é escasso? É comum ouvirmos de nossos alunos, até mesmo dos menores, que a internet é melhor, mais interessante, e que por outro lado o livro é chato. Eis um desafio para os professores.

Nesse sentido o projeto de leitura interdisciplinar PIBID – UNEAL contribui de forma positiva para esse debate e para a formação de novos leitores, tomando como exemplo a escola Municipal Filomena Medeiros, *lócus* de nossa pesquisa com 6 bolsistas e uma professora supervisora, compreenderemos que os alunos tendem a receber e executar melhor uma proposta de leitura quando essa é feita por convidados e não pelo professor. A proposta interdisciplinar proporciona ao alunado experiências de leituras diversificadas, com outros atores envolvidos, é uma aula “diferente”.

Todo momento de descontração no momento de aprender facilita tal processo, primeiro porque rompe com uma barreira imposta pelos próprios alunos, segundo porque os faz sair de sua zona de conforto, para trabalhar de uma outra forma, desde uma reorganização da sala de aula as possibilidades de significação.

Os momentos de integração a partir de atividades planejadas com as turmas assistidas e executas no pátio da escola com alunos que não são assistidos pelo programa são verdadeiros espaços de integração e socialização, assim os alunos passam a ser os mediadores de leituras e brincadeiras.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada no projeto divide-se em três etapas: aquecimento, mediação e desdobramento, acreditamos que esse roteiro nos aproxima do universo da criança, a sensibilização através do lúdico. Pois prepara a criança para receber a leitura, Cecília Meireles expõe que:

“não se pode pensar numa infância a começar logo com gramática e retórica: narrativas orais cercam a criança da Antiguidade, como as de hoje (...). Assim, mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventuras, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações várias’ ocuparam, no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. (...) quase se lamenta menos a criança de outrora, sem leituras especializadas, que as de hoje, sem os contadores de histórias. (MEIRELES, 1984.p. 55).”



É se debruçando sobre o forte desejo de proporcionar um encontro entre os educandos com as narrativas orais que iniciamos o nosso trabalho. Realizamos, no primeiro momento, a leitura dramatizada de um texto do gênero cordel, que faz uma junção de várias lendas folclóricas. O aludido gênero possui uma linguagem fácil de ser compreendida, próxima da linguagem oral, possibilitando, desse modo, a compreensão da história/lenda contada e, posteriormente, o compartilhamento da mediação com sujeitos de outros espaços, contribuindo com a preservação dessa riqueza cultural.

Essa leitura, aquecimento, chamaria naturalmente a atenção, por sua temática, por seus atores caracterizados que não impede que instrumentos musicais possam ser inseridos. A união de linguagens artísticas é mais um trunfo para captar a atenção dos ouvintes, uma vez que um pandeiro pode ser usado para dar ênfase em uma fala do texto dramatizado, o som de um violão pode contribuir para o desenrolar do clímax ou ritmar a outra fala dramatizada, motivando os alunos para a etapa seguinte.

Nessa etapa, o público alvo, as crianças, já adentram na mediação, não mais como atores ouvintes, mas como atores participantes, aceitando o convite para brincar, ouvir e aprender cantigas de roda, ao mesmo tempo que participam de forma natural e espontânea de cirandas organizadas e mediadas pelos facilitadores, encerrando assim, o terceiro ponto, que chamamos de desdobramento, seguido em uma facilitação de estímulo a leitura.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante os processos de mediação, no cotidiano escolar conseguimos identificar algumas dificuldades que os professores, há um choque de culturas, e esse interfere no ensino-aprendizagem, segundo Claval (2007) a revolução das mídias transforma profundamente a geografia da transmissão cultural, essa mesma revolução proporciona aos educandos duas realidades: a primeira, está ligada ao acesso que ele tem as mídias sociais, a segunda, diz respeito a falta de tecnologias que permitam uma adequação do espaço escolar. A escola não conseguiu acompanhar essas mudanças e a nova escola é continua ultrapassada.



Escolher o folclore e brincadeiras de roda, é uma forma de enfrentamento ao esquecimento massificado, é reconhecer-se pertencente a um lugar e compreender as transformações desse espaço, Claval (2007) afirma que a preocupação identitária torna-se obsessiva em todas as sociedades atingidas pela revolução das mídias : são caracterizadas por uma surda inquietação, porque as fontes locais de autoridade foram desvalorizadas e as técnicas produzem estes não-lugares perfeitamente assépticos onde ninguém pode perceber outro valor além da preocupação de poder dos comandatários e a eficiência dos técnicos, engenheiros ou arquitetos.

É essa preocupação com os não-lugares, que nos força a buscar referências que nos mantenham ligados a algum lugar, a memória oral nos fixa, nos prende a um determinado território, no auxilia na manutenção e compreensão da cultura e identidade.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

DELBEM, D. C. **Folclore, Identidade e Cultura**. UNAR, Araras (SP), v.1, n.1, p.19-25, 2007.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

SILVA, L. T. da. **Em cores: o papel da literatura de influência africana na construção de uma educação antirracista e multicultural**. 2011. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/CAMUZP, União dos Palmares: 2011.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Souza, Celina Olga de. São Paulo, 2008.

QUEIRÓS, B. C. de. **Manifesto por um Brasil Literário**. 2009.